

MARVEL

# VIÚVA NEGRA

## VERMELHO ETERNO

MARGARET STOHL

novo século®

*Black Widow: Forever red*

© 2017 Marvel

*All rights reserved. Published by Marvel Press, an imprint of Disney Book Group. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system, without written permission from the publisher. For information address Marvel Press, 1101 Flower Street, Glendale, California 91201.*

**MARVEL**

marvel.com

© 2017 MARVEL

---

**Equipe Novo Século**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Renata de Mello do Vale

**EDITORIAL**

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

Giovanna Petrólio

---

TRADUÇÃO

Caio Pereira

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Vitor Donofrio

PREPARAÇÃO

Maria Marta Cursino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Alessandro Taini

Russ Gray

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO REVISÃO

Vitor Donofrio

Monica Reis

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais | [www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)

---

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Stohl, Margaret

Viúva Negra: Vermelho eterno

Margaret Stohl; [tradução Caio Pereira].

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

Título original: Black Widow: Forever Red

ISBN: 978-85-428-1243-5

1. Ficção americana i. Título ii. Pereira, Caio

17-0296 CDD-813.6

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção americana 813.6

---

*Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.*

---



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto IIII

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br) | [atendimento@novoseculo.com.br](mailto:atendimento@novoseculo.com.br)

Este aqui vai para  
Kate Hailey Peterson,  
Que bota pra quebrar.  
Criadora de mundos,  
Romanoff em espírito.

ATO I





# I NATASHA

---

*Nos arredores de Odessa, Ucrânia.  
Perto do mar Negro*

---

**NATASHA ROMANOFF ODIAVA PIROGUE** – mas mais que isso, odiava mentiras.

*Mentir não a incomodava. Mentir era uma necessidade, uma ferramenta de trabalho. Odiava que mentissem para ela, mesmo tendo sido criada assim.*

*Tudo que Ivan dizia era mentira.*

Ivan Somodorov. Ivan, o Estranho. Não pensava nele fazia muito tempo, até esta noite.

*Anos.*

E agora, para Natasha, apoiada na lateral de um enferrujado armazém ucraniano, à beira de uma doca industrial cercada de água, até mesmo a lua parecia não passar de mais uma das mentiras de Ivan.

*Bem-vinda ao lar, Natasha.*

Era aquela lua em formato de pirogue que a fazia lembrar tudo isso.

Ela escalou um pouco mais enquanto se lembrava daquelas palavras, mas nem mesmo Natasha Romanoff, antes filha da Mãe Rússia e agora a mais nova agente da S.H.I.E.L.D., podia escapar de Ivan Somodorov. Assim como também não podia escapar dos *snipers* posicionados em cada um dos telhados ao seu redor, ou do arame farpado da cerca que a cercava.

– Está vendo a lua? – perguntara Ivan, certo dia, quando ela era mais nova. – Está vendo aquele pirogue clarinho, pendurado tão baixo no céu, pesado a ponto de parecer querer cair de volta na panela de água fervente com sal do fogão do seu *baba*?

Natasha fizera que sim com a cabeça, apesar de, como órfã de guerra, lembrar-se muito pouco de seu *baba* – isto é, mais precisamente, de seus pais.

– Com uma lua dessas, seus alvos podem ver você tão facilmente quanto você pode vê-los. Não é uma noite boa para caçar, para matar. Nem para desaparecer.

Ela lembrava-se de Ivan.

Foi Ivan quem a ensinara a disparar um rifle *sniper* russo e a nunca usar nada além de uma pistola alemã, de preferência uma HK ou uma Glock, independentemente do que Natasha achava dos alemães. Foi ele quem a ensinara como trocar o barril de uma arma em segundos e como modificar o gatilho para que quebrasse feito vidro; como encobrir rastros, como esconder-se do SVR, do FSB e do FSO – e todas as organizações legítimas em que se ramificara a KGB quando deixara de ser a KGB. Esses órgãos eram os chefes dos chefes de Natasha, os grupos para os quais ela e Ivan trabalhavam, mas nunca juntos. Os grupos aos quais eles haviam prometido obedecer, mas que haviam quebrado suas promessas. Os grupos cujos nomes podiam ser mencionados nas manchetes da *Gazeta*, ao contrário do dela.

Ao contrário da Sala Vermelha. Ao contrário da equipe de Ivan e, principalmente, de suas favoritas, *Devushki Ivana*. As garotas do Ivan.

Natasha respirou fundo e girou, saltando de um lado a outro sob a luz do luar, subindo ainda mais pela parede daquele decrepito armazém. A cobertura de metal espesso castigava suas mãos. Era um milagre ela ainda conseguir agarrar-se ali.

*Um milagre e anos de treinamento.*

Natasha fechou os olhos e firmou as mãos. A bem da verdade, ela nem precisava do traje aderente que vestia.

*Mesmo que eu quisesse me soltar, não fui treinada para isso.*

– Vou te ensinar mais do que como matar – Ivan dissera. – Vou fazer de você uma arma em si. Você será tão automática e fria quanto uma Kalashnikov, mas duas vezes mais perigosa. Somente então te ensinarei como tirar uma vida... como, quando e onde.

– E por quê? – Natasha perguntara.

Ela era jovem na época, senão teria evitado a pergunta. A menina Natasha era toda ouvidos e sombras e ângulos. Abandonada e indefesa, durante mais da metade do tempo sentia-se como um coelhinho se debatendo dentro de uma armadilha sobre a neve.

Ivan caíra no riso.

– Não por que, minha Natasha. Nunca o porquê. Os porquês são para os guitarristas e os americanos. – Ele então sorria. – Todos nós temos hora para morrer e, quando for a minha, quando te mandarem meter uma bala na minha cabeça, certifique-se de que não o faça sob uma lua pirogue.

A menina assentira, mas não sabia dizer se ele falava sério ou não.

– É tudo o que peço. Uma morte rápida. Morte de soldado. Não me envergonhe.

Essa era sua frase favorita. Dissera-a talvez umas mil vezes.

E agora, vendo a lua em formato de pirogue, Natasha resolveu que seria essa a frase que ela repetiria para ele naquela noite. Quando ela finalmente o matasse, exatamente como ele previra.

*Ele não é um mártir, ela se lembrou. Não somos santos. Quando morremos, ninguém sofre. É o único jeito de terminar, para todos nós.*

Ainda que houvesse mais de cem luas cheias no céu naquela noite, Natasha se recusaria a sentir pena ou tristeza por Ivan Somodorov. Não queria sentir nada, por ninguém, muito menos por ele.

*Porque ele não sentia nada por você.*

Natasha jogou as pernas para o alto e equilibrou-se num duto de ar, na lateral do armazém. Agora pôde obter uma visão total do edifício, o que a fez ficar desapontada. Já tinha visto canis abandonados da FSB em melhores condições que aquilo.

*Não. Latrinas.*

Ela estendeu a mão e agarrou outra luminária como se fosse uma alça, erguendo o corpo – mas o aparato soltou-se da parede e caiu com muito ruído lá embaixo, na doca.

Ela congelou.

*Der'mo.*

– *Vy slyshite-to?*

Abaixo, um gorducho segurança da doca foi checar a causa do barulho, com a arma ainda pendurada nas costas. Dois outros guardas o seguiram.

*Destreinados. Não são do Ivan. A não ser que ele esteja dando boqueira.*

Natasha sussurrou um palavrão e pressionou o corpo pendurado contra a parede enferrujada que estava sob as sombras do beiral do telhado de lata. Feixes de luz de lanterna varreram todo o armazém, centímetros abaixo dela. Ela prendeu a respiração.

*Vocês não ouviram nada, mudak. É só esse armazém velho caindo aos pedaços.*

Os seguranças se dispersaram.

Natasha acalmou-se, jogou-se para cima do beiral e rolou para uma claraboia muito suja. Seus movimentos agora eram instintivos, tão automáticos quanto respirar ou piscar ou o bater de seu coração. Lentamente, ela pôs o rosto contra o vidro trincado – assimilando a visão obtida durante os poucos segundos em que podia arriscar se expor. Abaixo, tudo era escuridão, e apenas dois vultos moviam-se por entre as sombras no espaço central entre os contêineres.

Dois vultos. Um grande, um pequeno.

Dava para ver uma criança. Uma menina. Ruiva. Olhos escuros. Pela aparência, devia ter uns oito ou dez anos de idade. Eram todas iguais para Natasha. Tirando suas companheiras do Programa, a única criança que conhecera fora ela mesma – e desta ela nunca gostara muito.

A menina desviou o rosto de Ivan, que estava entre ela e a janela, e então Natasha pôde ver que a garota chorava. Agarrada a uma boneca bailarina. *Daquelas de cabeça de cerâmica*, pensou Natasha. *Do tipo que vendem na rua, em frente ao Teatro Bolshoi.* Ela tivera uma dessas, algumas vidas atrás.

*Era assim que eu olhava para você, Ivan?*

Pois agora, afastando-se da menina e da boneca ao dar um passo na direção da luz da lua, revelou-se então seu antigo comandante – e novo alvo.

Ivan Somodorov.

*A pessoa que quase pude chamar de pai.*

Natasha avançou por sobre a claraboia para olhar melhor. O que ele estava fazendo? Colocando alguma coisa na cabeça da menina. Eletrodos, talvez? Sem dúvida. Nas têmporas. Mais fios nos braços, mãos e até nas pernas gorduchinhas. Na outra ponta dos fios havia uma caixa achatada de metal, do tamanho de uma cabine telefônica, parafusada no piso de concreto, remendada e soldada na superfície, aparentemente montada com peças de muitas outras máquinas inferiores. Dela brotava uma bagunça de fios, como cordões umbilicais grosseiramente entrelaçados, que se curvavam e soltavam fagulhas para todos os lados. Os fios levavam para mais caixas e depois para mais fios, como se fossem uma parte anatômica fundamental de um organismo bem maior – de que não se via o fim.

Um experimento. Então os relatórios não estavam mentindo.

*Ela é um dos projetos de Ivan. Mais uma Devushka Ivana.*

Natasha ficou observando. Não se retraiu, não desviou o olhar. A cena lhe era familiar demais – embora ela tivesse sido acorrentada a um radiador em vez de presa a uma cadeira, e Ivan ainda não gostasse de eletrodos na época. Em todo caso, não fazia diferença. Ela daria um basta naquilo tudo.

Após assimilar o que acabara de presenciar, rolou de costas e levou o punho à boca.

– Alvo confirmado. Diga a MI6 que o rastreador funcionou. Informação quente.

– Vou mandar uma cesta de frutas à rainha. Nossa, você está vendo Ivan, o Estranho? Aqui em Londres, a gente o chama de Frankenstein. – A voz de Coulson crepitava do comunicador ao ouvido de Natasha. – Sujeitos humanos... é com isso mesmo que ele está trabalhando?

Natasha olhou pela claraboia.

– Pelo visto, sim.

– Ele está vivo – disse Coulson, tentando mandar bem em sua imitação de cientista maluco.

Natasha olhou para a lua em forma de pirogue. A vista era ainda melhor dali, deitada de costas no topo do armazém.

– Não por muito tempo. Vou entrar.



## 2 NATASHA

---

*Armazém nas docas de Odessa, Ucrânia  
Perto do mar Negro*

---

**NO INSTANTE EM QUE NATASHA ROMANOFF ANCOROU** o mosquetão na armação de aço da claraboia aberta, sua mente ficou sobrecarregada. Modo de batalha. A adrenalina a acelerou, e Natasha entrou no clima, fazendo tudo do jeito como ela fazia qualquer coisa – rápida e firme, sem desculpas, sem arrependimento. Não sentiu nada ao desparafusar os painéis de vidro da claraboia do armazém nem ao deslocá-los silenciosamente da estrutura de metal que os mantinha no lugar. Sentia apenas que estava entrando.

Enquanto ela soltava o mosquetão e lentamente descia de rapel para dentro do armazém, sua mente repassou primeiro os movimentos óbvios de Ivan, depois os movimentos lógicos e, em seguida, os menos lógicos. Ela conhecia todos. Era como uma partida rápida de xadrez – que quando acabava, Natasha quase sempre era a vencedora.

*Como uma Kalashnikov, pensou. Como uma Romanoff.*

*Isso é o que eu sou. É o que eu faço.*

Seus olhos percorreram o interior do armazém, estudando o ambiente. *Então você tem cinco capangas no perímetro tentando fingir que não estão esperando por mim... Onde achou esses idiotas, Ivan?*

Natasha desceu mais um metro para ver melhor seu alvo.

*Sei que você me ouviu subindo os últimos metros de telhado até a claraboia. Foi você quem me ensinou essa tática. Qual é a sua?*

*Ela girou 180 graus, até poder ver o rosto da garotinha. E quanto à menina? Parece assustada de verdade. Criança. Vulnerabilidade. Certo.*

*Natasha girou um pouco mais, contando quantas pessoas via enquanto se virava. Cabos grossos saindo das paredes, cheiro pesado de ozônio e uma quantidade assustadora de eletricidade. Certo. Vamos tentar não explodir o lugar.*

*Era hora de fazer os cálculos de ataque.*

*O Capanga Um está há uma hora grudado em Ivan, mas fora da luz. Aparentemente é o único capanga armado.*

*Ela pareceu surpresa.*

*Ele está sem coldre? Essa rapaziada não tem medo de estourar as próprias bolas? Isso quer dizer que mandaram me capturar, não atirar. Natasha fez cara de tédio. Desejo a todos boa sorte.*

*O Capanga Um não será o primeiro a atacar. Ele vai querer dar um golpe baixo, vindo por trás – se precisar –, enquanto dou conta do Dois e do Três, que virão das sete e das nove horas assim que eu chegar ao chão.*

*O Quatro, pelo visto, será o mais rápido.*

*Os olhos treinados de Natasha encontraram o último soldado nas sombras.*

*O Cinco parece preguiçoso – deve estar armado, talvez com uma faca. Com certeza com uma faca.*

*Quando o Capanga Um vir os outros quatro derrubados, vai perceber que já era, entrará em pânico e sacará a arma – olha só para ele, já está suando –, então terei que dar cabo dele. Não tem por que eu acabar levando um tiro.*

*Ela tornou a olhar para o teto acima dela. Os snipers são só por garantia. Caso contrário, já teriam me atacado. Está claro que Ivan quer bater um papo.*

*Natasha afrouxou a mão no cabo e continuou descendo até seu alvo. Estava mais perto agora. Dava para ver o brilho da careca de Ivan. Ele costumava raspar a cabeça todo dia, para manter o brilho. Pelo jeito, ainda mantinha o hábito. Por que será que ele estava suando?*

*Por que sabe que estou prestes a ir pra cima dele?*

Natasha Romanoff relaxou as mãos e deslizou para o piso do armazém, tão silenciosa quanto uma aranha – mas não o bastante para enganar Ivan Somodorov.

– Pequena Natashka – disse Ivan, sem tirar os olhos da garotinha. – Hoje é noite de lua pirogue. Se quer ser tão óbvia, da próxima vez toque a campainha. – Uma tatuagem de arame farpado circundava o pescoço dele, lembrança de tempos passados numa prisão russa. – Você me envergonha.

Natasha observou o restante do que podia ver dele: jaqueta de couro barata e correntes, que, somadas à camisa suja de gola V, faziam-no parecer um mafioso.

Ela suspirou.

– Toc-toc, Ivan. Quem bate? É a S.H.I.E.L.D.

Sem expressão, o homem a fitou.

– Não entendi.

Natasha socou a cara dele o mais forte que pôde. Enquanto ele voava para trás, ela esfregou o punho.

– Foi mal. Esqueci que você não tem senso de humor.

A garotinha começou a gritar, mas Natasha não ouvia nada além de seu coração martelando em seus ouvidos. Não estava mais pensando. Não era hora de pensar. Ela era apenas puro movimento e reflexo. Ação e reação. Adrenalina. Memória muscular – e a musculatura de Natasha Romanoff tinha uma memória quase perfeita.

Os Capangas Dois, Três, Quatro e Cinco agiram exatamente como ela antevira, exceto que, com um floreio ninja, o Cinco sacou nunchakus em vez de uma faca.

– Está de brincadeira? – Ela parecia quase impressionada. – Mas aprecio a criatividade.

Ao falar, ela disparou seu ferrão de viúva e, com um raio de eletricidade, pôs o ninja para voar – não muito à ninja.

O Capanga Um atirou, mas não antes de Natasha estilhaçar o braço dele com o pé esquerdo. A bala foi para o lado, e o atirador, para o chão.

Não havia ninguém no mundo melhor que Natasha Romanoff em cálculos estratégicos de batalha.

Ivan Somodorov jogou-se na cadeira ao lado da menina e acoplou os eletrodos na própria cabeça. A máquina faiscou entre eles. Ele sorriu para sua antiga protegida, pondo a mão na alavanca da máquina.

– Você demorou demais. Fiquei esperando por semanas. Minha Natashka.

Natasha encarou-o, tentando aferir se ele mentia e o que ele queria dizer com aquilo, caso contrário. *Os capangas eram só distração. A verdadeira partida acabou de começar.*

Ivan estava indignado.

– Você vem atrás de mim numa noite de lua pirogue? E nem se lembra de desligar as câmeras de segurança primeiro? Não te ensinei nada?

– Quisera eu que não.

Afastando do rosto uma mecha revolta de seu cabelo ruivo, Natasha aproximou-se dele.

– E como você cresceu desde aqueles dias em que eu te ensinava tudo na Sala Vermelha... – O olhar do homem faria qualquer um tremer, mas Natasha nem vacilava. – Naquela época, você parecia uma *ptenets* perdida, caída fora do ninho.

Natasha ignorou-o. Não podia tirar os olhos da máquina que havia entre ele e a garota. O aparelho ostentava em si a sigla “O.P.U.S.”, em letras militares russas. Aquela tecnologia era o motivo de sua presença ali, embora a S.H.I.E.L.D. não lhe tivesse explicitado os detalhes. Não fazia muito tempo que Natasha havia se juntado à agência norte-americana, então não lhe falavam muita coisa. Tudo o que ela sabia era que estava ali para meter três balas em seu velho Yoda e empacotar aquela máquina.

– O que é essa coisa? Parece item de museu. Bem que andam dizendo por aí que Ivan, o Estranho, anda com uma pegada mais esquisita que a de costume.

Ele acenou para o O.P.U.S.

– Tecnologia da Sala Vermelha. Algo com que venho brincando desde que nossa gloriosa união do povo entrou em colapso. O Programa já teve dias

melhores, sabe? Mas isso não quer dizer que não possamos pegar algumas partes e ganhar um dinheiro.

– Certo. Até onde eu sei, você não sabia nem fazer ligação direta num Yugo.

– Quem ia querer um Yugo? Estou com um Prius agora. – Ele deu de ombros.

– Peguei uns físicos que foram da Sala Vermelha aqui e ali. – Ele abriu um sorriso maldoso. – Dinossauros como eu, lutando contra a extinção.

Natasha estava impassível. Ela apenas direcionou o rosto para a menina de olhos escancarados.

– E a menina? Por que está aqui?

Ivan deu de ombros.

– Isso importa? Mais uma pobre *ptenets* abandonada. – O sorriso dele ganhou ares sombrios. – Lembra-se de alguma coisa?

Natasha Romanoff apertou mais os dedos contra a arma.

– Também fui assim? Não desejada?

– Não. Você era uma pedra no meu sapato.

– Resposta errada.

Natasha esmagou-o com os dois punhos, mais uma vez liberando a picada do ferrão da viúva. Ivan contorceu-se sob a surpresa da descarga elétrica, jogando a cabeça para trás e desabando na cadeira.

Ivan ergueu o rosto. Tinha agora o olhar de um ensandecido.

– Rubro eterno. É assim que chamam o seu tipo. Você pode até ficar se gabando, mas não é mais americana do que eu.

– Não sou nada como você, Ivan.

Dizendo isso, ela apontou a arma para ele. Mas sua mão hesitou.

*Atire logo. Ele merece.*

*Você devia ter feito isso há muito tempo.*

A boca de Ivan curvou-se num sorriso maligno.

– Você é uma bomba-relógio. – O rosto dele ainda estava pálido do choque. – É só uma questão de tempo. Você não vai conseguir cortar o fio, *ptenets*. Não vai conseguir fugir de mim nem da Mãe Rússia. – Ele cuspiu o sangue que tinha na boca. – Só espero estar por perto quando você explodir.

Natasha, contudo, parara de ouvi-lo. Estava tudo errado. Algo ali não fazia sentido.

*O que ele está esperando? Qual é a dele?*

Natasha fitou os soldados que bloqueavam a saída do lugar. Enquanto isso, Ivan foi em busca da alavanca da máquina, posicionada entre ele e a garotinha.

É um sinal. Vai começar. Vai acontecer alguma coisa.

Natasha ouviu os primeiros disparos no instante em que ele puxou a alavanca. Ela catapultou-se para a frente, e a linha de fogo a acompanhou, incitando-a a ir na direção de Ivan, o Estranho, e de sua ainda mais estranha caixa de aço. Foram todos cobertos pelos disparos – Natasha, a garota e Ivan.

Este gritava, mas era tarde demais. Uma chuva de balas engolfou a máquina, que explodiu numa bola de fogo e fumaça negra. Ivan saiu voando por causa do impacto.

Natasha esquivou-se de alguns dos disparos, mergulhando para longe de Ivan, indo ao encontro da menina.

– Vou tirar você daqui! – gritou, estendendo os braços para libertar a garota da cadeira.

A menina gritava a cada novo tiro, debatendo braços e pernas por instinto, os olhos escancarados de medo.

Natasha libertou-a, e, por um momento, a menina ficou junto dela.

Apenas por um momento.

Antes que Natasha pudesse pôr a garota no chão, um imenso pulso elétrico brotou da máquina, fluindo pela fiação até os eletrodos, e ergueu o corpo da menina quase em pleno ar. Como ainda estava grudada na garota, Natasha foi erguida também.

Por meio segundo, Natasha Romanoff e a ruivinha desconhecida ficaram congeladas num mesmo globo de luz branca azulada.

*Era isso o que ele queria. Fui direto para a armadilha.*

*Falhei no cálculo de batalha. Fim de jogo: zero.*

Começou a doer demais pensar em qualquer coisa além da dor.

*Pregos, pensou ela. Parecem pregos envenenados.*

*Rasgando cada parte da minha mente e do meu corpo.*

Jamais fora tão exposta. Um jorro de imagens deflagrou-se em sua mente, rápido demais para que ela conseguisse processar. Seu cérebro queimava, e a dor era arrebatadora. Ela se contorcia de dor. Mas logo a luz azul se foi, e tudo o mais ardia em chamas ao redor dela. Todo o armazém pegava fogo.

Houve uma segunda explosão – muito maior que a primeira. Depois outra. E mais outra.

Natasha entendeu que a máquina O.P.U.S. não era apenas um equipamento, mas, sim, uma associação de geradores. Pelo padrão de ignição, ela julgou que quase todos os contêineres do armazém deviam constituir uma ou outra parte, tudo conectado por fios, o que significava que a onda da explosão seria maior do que ela esperava.

Muito, muito maior.

*Assim como a área de destruição.*

Ivan gritou, caindo no chão, com as mãos na cabeça. Uma fumaça negra desprendia-se dos eletrodos fritos na testa dele.

Morto?

A garotinha deu um berro. Natasha não hesitou.

Ela agarrou a menina e rolou por debaixo de um armário de armas, livrando-se do que restava dos eletrodos, e pôs as mãos sobre os ouvidos da criança, enquanto armário, armazém e o mundo todo giravam ao redor das duas.



## 3 NATASHA

---

*Ruínas do armazém nas docas, Ucrânia*  
*Perto do mar Negro **QUANDO TUDO TEVE FIM**, Natasha chutou longe o armário e rolou de lado, ainda abraçada à garota. Seus ouvidos zumbiam. Sua visão clareou, e ela pôde assimilar o que havia restado do cenário. Chamas espalhavam-se de contêiner em contêiner. Todos os soldados estavam tombados. Os estilhaços das explosões haviam dado conta dos que ela não enfrentara.*

---

Em todo o caso, nada disso importava mais.

Natasha olhou para a menina, deitada no piso de concreto, apagada. Sirenes berraram em todo canto assim que ela ergueu criança dentre os destroços.

A garota piscou algumas vezes e abriu os olhos.

– Está tudo bem – disse Natasha, sustentando-a nos braços e cambaleando para a porta do armazém.

Ela preferiu passar a menina para cima do ombro, ignorando as chamas que as cercavam. As chamas e as cinzas e os corpos.

– Não olhe.

Mais uma vez, Natasha xingou Coulson por envolvê-la numa missão com uma criança.

Os olhos da garota refletiam somente a sensação de perda e de medo. Ela agarrava a boneca bailarina, agora escurecida, pelo pescoço.

– *Sestra* – disse.

Irmã. Ela estendeu a mãozinha e tocou uma mecha do cabelo da Viúva Negra. Ruivo como o dela.

– Não exatamente – respondeu Natasha.

De súbito, ela quase largou a menina, pois teve uma sensação esquisita, uma espécie de calor incômodo, que lhe desabrochou dentro do peito. *Simpatia. Familiaridade. Um tipo de conexão.* Não era algo que ela costumava vivenciar, não era algo que ela sabia como sentir, como entender. E Natasha Romanoff não gostava de sentimentos que não compreendia. Não gostava de sentimentos, ponto final.

Mas sabia como era ser uma criança com aquele olhar.

Natasha baixou a voz e falou em russo, diretamente no ouvido da menina: – Você está a salvo agora. Não sei quem é a sua família, mas prometo que vou encontrar um pessoal legal que vai te levar de volta à sua casa.

Hesitando, ela afagou o cabelo da garotinha, que ainda carregava no ombro.

– *Mamotchka* – disse a menina, com tristeza.

– Sua mãe? Ele te tirou da sua mãe?

Natasha sentiu grande pesar. Não sabia se a menina tinha familiares ou algum lugar ao qual pudesse retornar e chamar de lar. Conhecendo Ivan Somodorov como ela conhecia, as chances positivas de qualquer uma das duas opções eram quase nulas.

A menina, contudo, apenas fez que sim com a cabeça e fechou os olhos, encostando o rosto no ombro da Viúva Negra. A boneca bailarina caiu no chão no momento em que a menina apagou, exausta. Natasha ainda podia sentir a outra mãozinha dela enrolada em seus cabelos.

Enquanto Natasha retirava a menina do armazém em chamas, patrulhas de apoio da S.H.I.E.L.D. invadiram o local feito um enxame de abelhas. A agente já conhecia o esquema. Em questão de minutos, Ivan, ou o que restara dele, pertenceria à S.H.I.E.L.D. O mesmo valia para aquela sua tecnologia, a O.P.U.S. sei lá o quê. O restante estaria estritamente relacionado à limpeza, o que não

tinha nada a ver com ela. Até mesmo os agentes tinham agentes para cuidar dessa chatice.

*Felizmente.* Ela aguentara o suficiente de Ivan Somodorov. Não queria ver a cara dele nunca mais. Natasha Romanoff passara toda uma vida dedicando toda uma vida para conseguir se ver livre daquele homem. Ela então largou a menina nos braços de um médico, que a envolveu num cobertor. Para Natasha, o caso estava encerrado.

A menina começou a chorar, estendendo os braços em direção à sua salvadora ruiva. Natasha olhou para ela. A menina não parava. Natasha deu-lhe as costas. A menina continuou a chorar. Natasha voltou, frustrada.

– *Kak tebya zovut, devochka?* – ela agachou perante a menina e perguntou, em russo. *Qual é seu nome, menina?*

– Ava – disse a garota, fungando o narizinho. A voz dela saiu entrecortada.

Natasha assentiu.

– *Slushay, Ava. Perestan' plakat', kak mladenets. Ty uzhe bol'shaya devochka* – ela respondeu.

Traduzido grosseiramente, significa algo como: *Escute, Ava. Não tem por que chorar. Você já é uma mocinha.*

Ela tentou não se sentir mal por ter dito isso. Afinal, já lhe tinham dito a mesma coisa, não? Naquele fatídico dia, em Stalingrado, tantos anos antes, quando seus pais morreram e ela fora levada pela KGB, indo parar depois na Sala Vermelha.

*E depois com Ivan.*

A menina a encarava com lágrimas silenciosas rolando pelo rosto.

Natasha respirou fundo e tentou de novo:

– *Amerikantsy otvezu tebya domoy. Oni naydut tvoyumamu. Ya obeshchayu.*

Ela não fazia ideia se o que dizia era verdade, mas disse mesmo assim. *Vão te levar pra casa. Vão encontrar sua mãe. Eu prometo.* Era o que a menina precisava ouvir, ela concluía.

– *Obeshaesh?* – questionou a garotinha. *Promete?*

– Pode acreditar em mim, Ava. Sou igual a você. Está vendo? – Natasha puxou uma mecha de seus cabelos ruivos. – *Ya kak i ty* – ela repetiu. *Sou igual a você*.

A menina tentou recuperar o fôlego, mas não conseguiu. As lágrimas não paravam de rolar.

Natasha suspirou e levantou-se, tomando a carteira de um soldado que passava, sem que ele percebesse. Ela sacou uma nota de cinco euros e deixou o restante cair no chão, depois arrancou uma caneta de um oficial sênior que transitava por ali. O homem se virou e olhou para ela, confuso.

O agente Coulson suspirou.

– Precisa de ajuda, Romanoff?

Natasha nem olhou para ele ao rasgar a nota em duas e rabiscar algo numa das metades.

– Não, Coulson, eu é que vou te ajudar. Fiz questão de deixar as câmeras de segurança funcionando. – Ela o encarou. – Tem um belo de um vídeo, seja lá o que for aquilo.

Coulson estendeu a mão.

– Ótimo. Mas quero minha caneta de volta. É uma edição limitada de 1935, uma Montblanc de olho de tigre...

Natasha fez cara de tédio e meteu a caneta de volta na mão dele.

– É uma BIC. Talvez queira pesquisar a respeito.

– Você faz as coisas do seu jeito; eu faço do meu. – Ele tomou a caneta. – Por falar nisso, você fez um bom trabalho aqui. Segundo as informações do seu arquivo, você também foi da Sala Vermelha. Isso tudo deve ter sido bem pessoal para você. Difícil para o emocional.

– Não foi – ela retrucou, tentando passar por ele.

Coulson sorriu.

– Bom, melhor assim, então, visto que boa parte da estrutura deste lugar desabou em cima do seu amigo Ivan.

– Ele não é meu amigo – Natasha disse automaticamente. – Não tenho amigos.

– Não me diga – Coulson rebateu, dando-lhe as costas. – A propósito, você não tem amigos? Difícil para o emocional também.

Natasha olhou feio para ele.

– Só para constar, pare de fuçar no meu arquivo.

Ele nem respondeu.

Ela passou por dois médicos da S.H.I.E.L.D. até estar mais uma vez ajoelhada diante da garotinha. Falando rapidamente em russo, ela depositou metade da nota rasgada na mão da menina.

– Olha, se você precisar de mim, vá à sua embaixada e entregue isso a eles. Vou ficar com a outra metade, para me lembrar de você.

Ava fez que sim com a cabeça. Natasha sussurrou no ouvido dela, ainda em russo.

– Se você me chamar, eu venho, *sestrenka*. Prometo, irmãzinha. – E afastou-se.  
– Se eu consegui, Ava, você também consegue – ela disse por fim, apontando para os cabelos ruivos mais uma vez. – Beleza? Somos iguais.

*Tot zhe samoye*. Iguais.

Dizendo isso, Natasha foi embora.



Ava olhou para o papel que tinha nas mãos. Nele havia duas palavras escritas e um rude desenho de uma ampulheta dentro de um círculo.



O símbolo dela.

– Vou me lembrar, *moya starshaya sestra* – disse, lentamente, a garotinha.

Irmãzona.

Então os olhos dela se fecharam, e fogo e caos e morte e ruído desapareceram.

Assim como a mulher dos cabelos ruivos.



# S.H.I.E.L.D. – CASO 121A415

REF: INVESTIGAÇÃO DE MORTE EM SERVIÇO [MES]

DE: AGENTE PHILLIP COULSON

PARA: DIRETOR EX-OFFICIO NICK FURY

ASSUNTO: INQUÉRITO ESPECIAL

RE: AGENTE NATASHA ROMANOFF OU VIÚVA NEGRA OU NATASHA ROMANOVA AGENTE EM COMANDO [AEC]: PHILLIP COULSON

CODINOMES DA S.H.I.E.L.D. PARA O CASO: REGISTRO VERMELHO, O.P.U.S., SCHRODINGER, ODESSA, VIÚVA RUIVA, TEMPESTADE INVERNAL

**AUTORIZAÇÃO:** Inquérito segue Ordem Executiva OVAL14AEE32, exclusiva do Presidente/Acesso do Congresso negado/Nota: o seguinte resumo inclui excertos de arquivos, registros, correspondências, transcrições, audiências e descobertas resultantes do Inquérito Especial da ASN S231X3P.

Resultados da autópsia dos restos do morto [pelo médico legista da S.H.I.E.L.D.] foram lacrados. Designação para Medalha Presidencial da Liberdade [citação confidencial] pendente.



## 4 ALEX

---

*Casa de Dante Cruz  
Montclair, Nova Jersey*

---

– **PAPAI NO-EL! PAPAI NO-EL!** – berrava um grupo de crianças para o bom velhinho como se ele fosse uma *boy band* inteira.

*O bom e velho Papai Noel*, pensou Alex Manor. *Justin Bieber e o Natal. One Direction e o Polo Norte.* A ponta de seu chapéu de Papai Noel comprado na farmácia pendia sobre um dos olhos.

– Mas que lixo é esse? Não dá para tocar a música da rena? Do nariz brilhante? Será que dá? – soprou Dante Cruz, melhor amigo de Alex, de debaixo de seus chifres de rena de mentira. – Velho, que galera chata.

Alex, um suado adolescente de dezessete anos, com o rosto vermelho, parecia prestes a desmaiar. Já Dante – com o mesmo suadouro e a mesma idade – parecia estar curtindo muito. Os dois amigos enfrentavam-se por cima de uma pensa mesa de pingue-pongue, no que parecia ser a queda de braço do século, ou pelo menos da semana, ou, menos ainda, da festa da irmãzinha de Dante. A contenda começara como tudo sempre começava entre eles – primeiro como piada, depois como desafio, depois como aposta – e rapidamente evoluíra para uma luta até a morte – a morte da velha mesa de pingue-pongue.

Alex Manor não tinha botão de desligar, pelo menos não quando dominado por adrenalina. Dante Cruz tinha mais autocontrole, mas era igualmente competitivo. Juntos, eram o equivalente a um fósforo aceso e uma banana de dinamite que haviam decidido tornar-se amigos – ou irmãos.

– Já chega? – perguntou Alex, fitando Dante por cima do punho.

– Ué, não está aguentando a pressão, Noel? – sorriu Dante.

Seu rosto moreno e corado brilhava com todo aquele esforço, e seu riso era contagiante. Criado em uma família porto-riquenha bem unida, Dante adotara Alex no dia em que este aparecera no clube de esgrima, dois anos antes. Talvez por seu pai ser policial, Dante sabia reconhecer um bom parceiro quando via um. E, definitivamente, por seu pai ser capitão de polícia, nunca havia festas na casa dos Cruz – nem mesmo essa versão festiva para menores –, a não ser que os pais estivessem fora da cidade.

– Pressão? Que pressão? – questionou Alex, rangendo os dentes.

Alex era tão belo quanto Dante, mesmo com mechas do cabelo escuro penduradas sobre os olhos, ainda mais escuros. Bem mais alto que seu compacto amigo, o esguio Alex não tinha nada de coroinha, mas também não fazia o tipo maloqueiro. E, se havia algo de desajustado nele, uma aspereza ou inquietude que parecia assombrá-lo de dentro para fora – algo que o deixava com olheiras e com o reflexo assustadiço de um filhote de lobo enjaulado –, o próprio Alex seria o último a saber do que se tratava e de como resolver a questão. Alex Manor estava bem na beirada do abismo, mas a salvo, pelo menos por hora.

Bem na beirada, tanto na vida quanto na queda de braço.

O braço de Alex inchou-se sob a camiseta gasta e, quanto mais ele o forçava contra o braço de Dante, mais sua tatuagem aparecia de debaixo da barra do tecido. Era circular, vermelha e preta, e o desenho no interior do círculo tinha a forma de uma ampulheta. Não havia ninguém na escola que não soubesse o que significava aquela tatuagem: era o símbolo da Viúva Negra, que havia se tornado uma heroína para jovens em todo o mundo, assim como o Homem de Ferro, o Hulk e o Capitão América. Era uma tatuagem bacana, todo mundo dizia, e Alex

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Viúva Negra: Vermelho eterno (Marvel)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).